



O PALACIO DOS DOGES EM VENEZA.

A HISTORIA, a poesia, a pintura, tomaram á sua conta Veneza; são conhecidas as lagôas e canaes, as gondolas, o mar tranquillo, o céu sereno, desta cidade, que foi soberbo emporio do commercio. Restringimo-nos agora a fallar brevemente do palacio dos doges, porque a pag. 49 do 1.<sup>o</sup> vol. dêmos sufficiente noticia de Veneza, assim como a pag. 26 do mesmo da sua horrivel inquisição politica.

A estampa representa o pateo interior ou área, que fica alem do vestibulo do palacio, e foi copiada d'um quadro que Mr. Joyant appresentou na exposição da industria franceza em 1833. O edificio é um vasto quadrado, magestoso, levantado sobre duas ordens, e coroado ao estilo gothico; por um lado encosta-se á cidade, e por outro dá para um dos canaes: o frontispicio principal é de marmore vermelho e branco. Tanto interna como externamente se veem pilastras e columnas, que formam porticos, os quaes d'antes não eram murados, havendo então communicação patente para todos os lados. As inundações altearam o chão do pateo, e entulharam os pedestaes da columnata de fórma que resulta pessimo effeito para o aspecto geral do edificio. Por cima corre uma varanda geral com parapeito de balaustrada. A architectura deste paço é considerada no todo tão extravagante e singular, como a da celebre igreja de S. Marcos que lhe fica contigua.

A principal porta, dita *de la Carta* dá entrada para o pateo interior, calçado de grandes lagens, onde ha duas cisternas para o uso da casa: em roda vai uma galeria onde os nobres venezianos se reuniam para conversarem sobre os negocios da republica, porque alli estavam abrigados das suspeitas dos inquisidores d'estado, que não descansariam se os

vissem reunidos em outra parte. Ha neste pateo muitas estatuas, pela maior parte trazidas da Grecia. Por cima da escadaria que conduz ao segundo portico se fazia a coroação do doge no dia immediato á sua eleição. Pela sala das *quatro portas*, rica de formosos quadros, vai-se á do conselho dos dez, e logo ao pé está a casa d'armas com as magnificas portas de cedro transportadas do Oriente a Chypre, e desta ilha a Veneza: esta sala comprehendeu no tempo da republica muitos objectos curiosos, como armaduras velhas e os bustos d'um numero infinito de guerreiros. Na casa chamada do escudo se pendurava o brazão d'armas da familia do doge reinante; dalli se vai por uma galeria ao salão onde eram recebidos os embaixadores. Na sumptuosa sala do conselho estão os retratos de todos os doges, pintados pelo celebre Tintoreto: della se passa para a do escrutinio, onde se reunia o senado para eleger os magistrados, é toda ornada de pinturas allusivas ás victorias dos guerreiros venezianos no tempo em que a republica tinha subido ao fastigio da gloria e da opulencia. Alem destas que mencionámos ha outras muitas casas dignas de se ver neste palacio, que não sendo um modelo d'elegancia, encerra comtudo bastantes curiosidades.

## O ÇAPATEIRO DE SEVILHA (\*).

1.<sup>o</sup>

## O conego e o artifice.

N'UMA lógea mesquinha, encostada á famosa *torre aurea*, que Julio Cesar deixou na peninsula como o

(\*) E' historica esta anecdota: quasi todas as historias d'Hespanha fazem menção deste notavel successo.

ultimo symbolo do poder romano, occupavam-se na feitura d'um par d'alparcas uma mulher a quem ave-lhantára mais do que os annos a desventura, e um mancebo que não havia muito sahira da idade da adolescencia. A nudez e destroço da casinhola, que outros ornatos não tinha alem d'uma cruz de pau santo e d'uma imagem de Nossa Senhora damnificada pelo tempo, claramente mostravam a absoluta miseria dos inquilinos.

Gil? — disse a mulher; e o mancebo ergueu a cabeça, e via-se-lhe o rosto pallido e mortificado: — o que quer, minha mãe! — foram as suas palavras. A mulher limpou as lagrimas que principiava a verter e continuou melancolicamente: — Bem triste anniversario temos hoje! faz neste dia tres annos que a nossa pousada não era tão pobre, nem tão amargo o nosso pão, porque nem eu era viuva, nem tu orphão!..

Annuiu o véu da tristeza as feições do mancebo hespanhol. — E hoje... — ia a dizer mais e suspirou. —

Hoje [interrompeu a mãe] Antonio Peres descansa em paz n'um canto do cemiterio da pobreza, ao pé dos amaldiçoados cadaveres de mouros e judeus; e até nos negou Deus a consolação de lhe dar-mos outra sepultura. —

— E desse modo, disse o orphão com voz suffocada, estão profanadas as cinzas de meu pai, e nós vamos durando, cercados de precisões e soffrimentos, ae passo que.....

— Ao passo que, interrompeu novamente a viuva, o seu assassino vive regaladamente no regaço da ventura e da prosperidade. É conego da cathedral e os habitantes de Sevilha acodem a ouvir-lhe devotamente os sermões; é valido do rei, e os nobres diante da sua fortuna curvam os joelhos: todos reverenciam o assassino, porque o não foi d'um fidalgo ou d'um sacerdote; apenas foi o matador d'um pobre artifice, d'um miseravel, menos que ninguem, se é possível... de teu pai! —

Levantou-se Gil, deitou mão d'um punhal enferrujado que lhe ficava a geito, e veio assentar-se ao pé da hespanhola. — Minha mãe, lhe disse afiando o ferro na folha d'uma faca velha, contai-me pelo miudo todo esse tragico successo. —

— E de que nos aproveita isso? respondeu a viuva; ninguem se consola com dôres, nem as lagrimas suprem a vingança.

— Não! mas sangram as feridas, e ateia-se o odio! replicou o mancebo, sorrindo-se horrivelmente.

Entendeu-o a mãe; e tomando-lhe uma das mãos a apertou com ternura nas suas.

— Ha tres annos [disse] reinava a fartura na casa do çapateiro Peres; não eramos ricos, mas desconheciamos as angústias da necessidade e as mortificações da pobreza. Teu pai, bom mestre de seu officio, trabalhava noite e dia por augmentar seus minutos lucros; viviamos felizes com essa ventura singela e obscura, que nem é fructo da ociosidade, nem da vileza. No entanto o herdeiro de Alfonso 11.<sup>o</sup> subia ao throno por meio de crimes, e dois bandos furiosos se atassalhavam mutuamente nas ruas e praças de Sevilha, mas nós permaneciamos socegados no centro das tormentas, que respeitavam a nossa obscuridade; não havia lar domestico com mais união, nem mais completamente feliz que o do çapateiro Peres.....

A viuva suspendeu a narração nestas palavras. Espraira-se-lhe a physionomia em quanto descreverá gratas recordações, mas recobrou logo a expressão habitual da tristeza, e, reclinando-se sobre o hombro do filho, continuou:

— Foi rapida essa dita como os sonhos: porque então aconteceu vir o conego dom Henriquez acompanhar elrei D. Pedro a Sevilha; e este clerigo, aparentado com os Albuquerque, valido do principe, assassino de Jaques de Calatrava, e oriundo de familia illustre, tinha todo o jus á impunidade: passava a vida em meio de vergonhosas devassidões, mas de que ninguem se escandalisava, porque gozava elle bastante poder para pôr silencio á maledicencia, e riquezas para comprar a tolerancia da justiça: porem era por desgraça côxo, e esta deformidade o affligia. Ouviu fallar na habilidade de teu pai e assentou que este poderia disfarçar-lhe o defeito; para isso o chamou, mas debalde teu pai esgotou toda a sua pericia para satisfazer a pertença do conego; não o pôde contentar; e tal foi o rancôr do padre que n'uma occasião lhe atirou com os çapatos á cara dizendo-lhe que pelo seu pouco geito merecia uma forca. Peres, posto que fosse homem d'officio era serio como qualquer de mais alta jerarchia: e replicou que pouco geito e feitio tinha dado a natureza aos pés de sua illustrissima. Enfurecido com o dito o conego levou d'um pau e o descarregou com tal violencia na cabeça de teu pai que o fez cahir para nunca mais se erguer. Pouca ou nenhuma inquietação deu ao conego o resultado deste homicidio, porque contava com o seu valimento e opulencia.....

O filho de Peres rangeu os dentes, e os musculos do rosto se lhe contrahiram convulsivamente: sua mãe proseguiu cortando o fio á narração com amiudados soluços.

— E que te direi eu do momento em que me trouxeram o ensanguentado cadaver de teu pai? Apenas sube do assassinio, um delirio frenetico me assaltou; lancei mão d'um punhal... deste... [e tomou a arma enferrujada que o filho estava afiando em quanto a escutava] eu quiz ir vingar a morte de meu marido derramando o sangue do homicida; mas lembrei-me de que era mãe, e persuadei-me de que havia em Sevilha tribunal para fazer justiça e algoz para a executar. Fui desparzir lagrimas e desafogar a minha dor aos pés dos padres do cabido: e Deus sabe que humildes supplicas eu dirigi aos interpretes da lei; que vehementes palavras me dictou a desesperação para os commover. Os juizes ouviram-me attentamente, prometteram-me estrondosa satisfação, e dahi a oito dias o conego foi condemnado.....

— A ser esquartejado vivo? — interrompeu o mancebo.

— A ser privado de assistir ao côro com os outros membros do cabido por espaço d'um anno — respondeu tristemente a viuva.

2.<sup>o</sup>

### O Ajuste de contas.

Chegou o dia da festa do Corpo de Deus: e a população de Sevilha se apinhava nas proximidades e circuito da sé para desfructar a vista da procissão. Adornavam-se as igrejas com o prestigio da pompa religiosa, as ruas estavam juncadas de flôres; e em uma palavra esta cidade, assolada pelas sanguinolentas discordias dos nobres e pelo feroz despotismo do imperante, revestia-se com a apparencia de um desusado regozijo. No meio do bulicio geral, só um homem ainda moço, assentado nos degraus do alcaçar, parecia estranho á tumultuosa alegria dos habitantes. Divisava-se-lhe no rosto, austero como o d'um padre e enrugado como o d'um velho, o estrago causado por amargos pensamentos e dôres prematuras; ao ver-lhe os cabellos desgrenhados, a luz sombria

dos olhos, a vivacidade convulsiva dos movimentos, e a combinação confusa de fragilidade e d'energia, de colera e de abatimento, que lhe transtornava a physionomia, facil era advinhar que lhe rasgavam o coração ardentes paixões, e que a flôr da sua juventude fôra desbotada por não vulgares infortunios. Permaneceu por horas pensativo e immovel, com a cabeça encostada a uma columna do alcaçar, como quem pertendia decifrar as inscripções, que os muros entalharam nas paredes da antiga mesquita para perpetuarem a memoria da sua conquista.

Gradualmente o crepusculo foi espalhando vapores e eclipsou com a obscuridade os zimbórios arabes e os campanarios das igrejas, contiguas ao alcaçar. Então aquelle homem sahiu da apathia, ergueu-se, e lançando ao redor de si um olhar prescrutador, murmurou comsigo mesmo: — Não virá elle?.. —

Não tinha acabado estas palavras quando divisou um ecclesiastico que vagarosamente caminhava para a sé, e quanto mais perto se chegava melhor se lhe distinguiam as feições: vestia roupas talaes ao uso do tempo, apertadas á cintura com um cordão de glandes d'ouro, e que roçagantes só metade encubriam dos elegantes çapatos de veludo que calçava: teria o rosto mui bello se não se lhe notassem os vestigios de contínuas dissoluções, assim como na expressão receosa e incerta dos olhos os indicios da dissimulação e vileza d'animo. Lançou-se a elle o mancebo, como um tigre, e agarrando-lhe as mãos e sacudindo-o com furia lhe bradou: — Conheces-me, dom Henriquez?..

— Não: — disse o padre, retrahindo-se e forcejando por sahir do violento aperto.

— Eu sou um orphão pobre, um artifice, um popular, que póde ser espancado, injuriado, e até morto impunemente. Sou o filho de Antonio Peres! —

Tremeu e fez-se pallido o conego.

— Não me conheces? Proseguiu o mancebo com accento de voz asperrimo... — Farto de crimes como de riquezas, tens sido bem esquecido! Condemnado a depôr o habito religioso por um anno, em expiação do assassinio, nem sequer o remorso levemente roçou pela cutis da tua consciencia, e no meio de bacchanaes immundas te consolaste do irrisorio castigo. Porem se Deus te demorou a pena merecida, se corrompidos com tuas dadivas os juizes passaram a esponja por cima do sangue de meu pai, sem punirem o assassino que o derramou, a Providencia reservou-lhe um vingador. Não te lembraste, dom Henriquez, que a tua victima tinha filho, que este filho viria a ser homem e com elle cresceria o seu odio; esqueceste-te que o infeliz só me legára a vingança, ou não te capacitaste de que o filho do çapateiro acceitaria o encargo desta herança?..

— Miseravel! — proferiu balbuciante o conego.

— Assassino! — replicou resolute o filho de Peres. — Ha quanto tempo te desejava eu ver de frente e a sós para te dizer: foste o matador de meu pai; foste causa de que minha mãi expirasse á vehemencia da afflicção; envenenaste a minha existencia, apagaste o esplendor da minha mocidade. Ha tres annos que me alimento do odio, que tem sustentado a minha resolução na miseria, que me tem fortalecido contra os soffrimentos: mais de vinte vezes te aponteí ao peito este ferro, mais de vinte vezes o acaso protegeu a tua perversidade, delongou a satisfação da minha vingança. Mas agora [e o orphão riu-se sinistramente] não ha companhia, soldados ou precauções que me sustentem o braço: neste logar remoto não se ouvirão os teus gritos; a sombra encubrirá o teu sangue; finalmente não poderá melhor

escolher o momento da expiação; porque ha seis annos, hoje os faz, que meu pai foi morto! —

Ouvindo as palavras pungentes de Gil, vendo-lhe os olhos scintillantes, e os labios descorados, symptomas todos de colera despiedosa, o padre, que até alli esperára que o character sacerdotal intimidaria o mancebo, viu que esta esperança lhe fugia, conheceu que a humildade e as rogativas eram os unicos escudos que lhe poderiam defender a vida; e de mãos postas implorou artificiosamente nestes termos a piedade do orphão.

— O homicidio involuntario não é crime; é verdade que matei teu pai, mas que eu não queria a sua morte só Deus o sabe. Não ha erro que não seja susceptivel d'expiação, nem delicto que com o remorso se não apague. Diz o que pertendes, mancebo? O que desejas? Por mais alto que subas a tua ambição, eu posso satisfaze-la. Resgatar-te-hei da miseria; segurar-te-hei affortunada condição: eu te farei poderoso, respeitado... —

— E feliz... por ventura que tambem?

— Talvez... — respondeu o conego.

— Mas resuscitarão as tuas dadivas meu pai?

— Se lhe não restituem a vida, servirão de erigir-lhe tumulo e de mandar dizer missas pelo descanço eterno de sua alma...

— E julgas que sob taes condições eu perdoaria ao assassino de meu pai?... —

— Jesus Christo perdoou aos seus algozes. Esquece-te do crime e attende ao arrependimento: se as preces commoverem o teu coração, as lagrimas o purificarão. —

— Não, e não, [bradou o orphão] com lagrimas não resgatarás o teu delicto, ainda que em vertê-las consumisses a vida toda! Não negociarei com o sangue de meu pai! O teu dinheiro alcançou corromper a justiça; e o Céu te poupou por algum tempo; mas eu serei menos venal que os executores da lei; serei o instrumento da justiça divina. —

E assim dizendo Gil derrubou o assassino de seu pai, a despeito d'inutil resistencia, e escondeu-lhe o punhal no seio, e contemplou com frieza o cadaver limpando o ferro nas dobras do capote.

— Solvêste a divida: [disse] estou pago! —

### 3.º

#### D. Pedro o Justiceiro.

Não ha nos annaes d'Hespanha nome de tão triste celebridade como o de D. Pedro de Castella; o envenenamento de D. Branca, sua mulher, e de Frederico, seu irmão, os assassinios de Albuquerque, do judeu Levi, e de Mohammed, rei de Granada, as carnificinas de Toledo, os autos da fé de Sevilha, os tributos com que fez gemer o povo, os confiscos que decretou, os supplicios de que foi inventor, a luta criminosa contra Henrique de Trastamara, amores reprehensiveis, delictos de varia natureza, á falta de justos titulos de gloria, deram fama a este principe. Todavia, apezar dos crimes e escandalos enormes com que desfeiou o sceptro, conservou D. Pedro de Castella uma certa veneração á justiça em grande numero de casos: se pessoalmente a calcava aos pés, de raro consentia que o imitassem. Os hespanhoes, justos para com a memoria delle, o appellidam indistinctamente *Pedro o cruel*, e *Pedro o justiceiro*.

Logo depois da morte do conego Henriquez, Gil, o filho do çapateiro, como quem não contava com a vida e a desprezava, se foi denunciar aos tribunaes: e foi peremptoriamente julgado e condemnado. Chegou porem o caso aos ouvidos de D. Pedro,

que então estava em Sevilha, avocou a si a sentença, e mandou chamar á sua presença o culpado:

— És accusado de haveres morto violentamente o conego dom Henriquez — lhe disse o rei.

— E com rasão; porque o matei— respondeu o orphão.

— Mas porque? —

— Para vingar Antonio Peres, indigna e atrozmente assassinado. —

— E porque não seguiste as vias judiarias?

— Porque a justiça de Sevilha tem balanças desequilibradas. Não podendo obter sentença contra o assassino de meu pai, fiz-me juiz e algoz. —

— Mas não sabias o castigo que te ameaçava? —

— Perfeitamente; e a desigualdade entre a minha

condição e a de Henriquez era sufficiente para o meu desengano.

Voltou-se o rei para o *corregidor*, e perguntou-lhe:

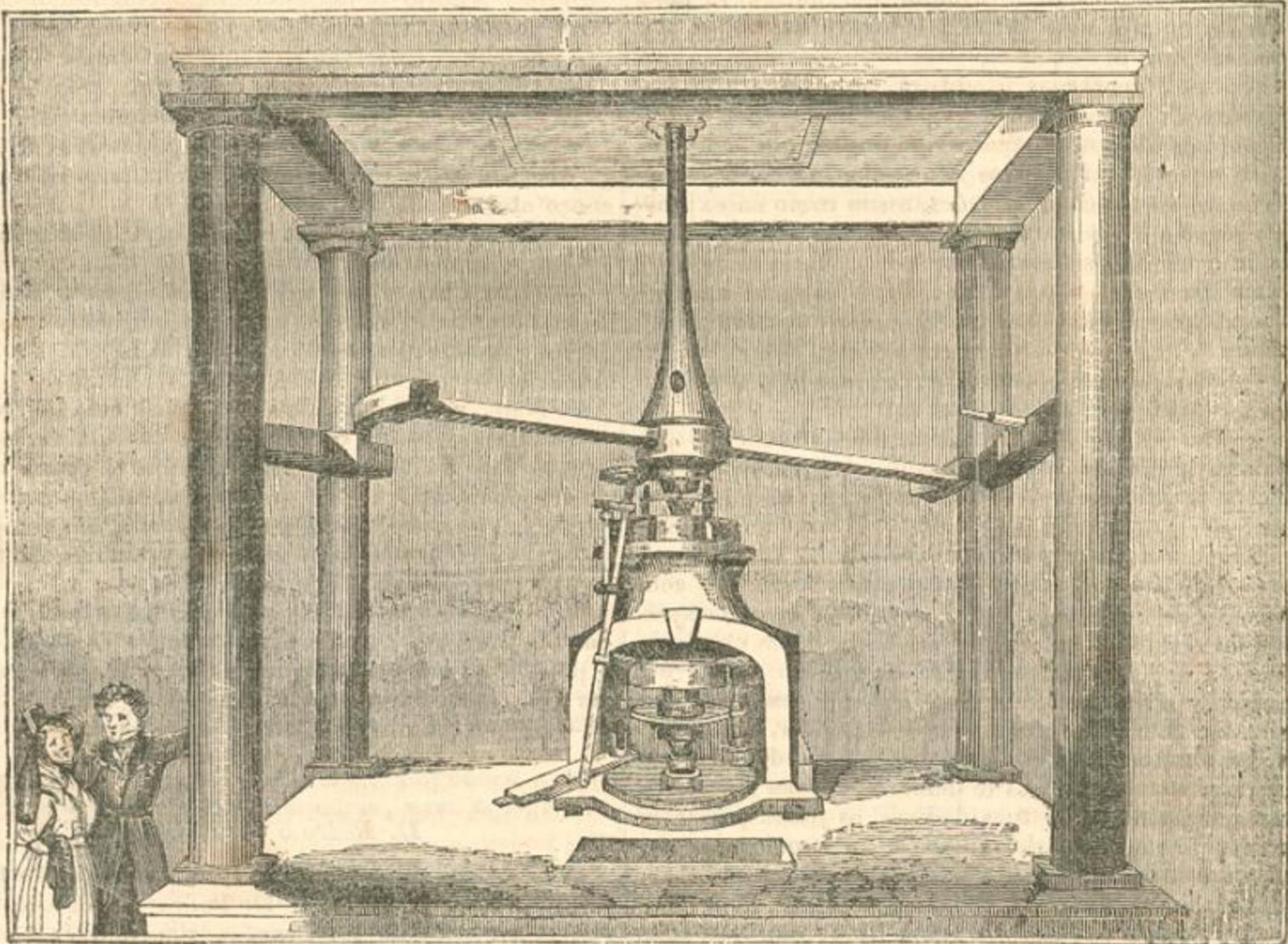
— A que pena condemnaram o assassino do çapateiro, Peres? —

— Á privação d'assistencia no côro por um anno. —

— E que sentença proferiram contra o matador do conego Henriquez? —

— Que fosse esquartejado em vida. —

— *Por Diós e la Virgen Santa!*... exclamou o rei. A justiça não deve estabelecer distincções, nem conhecer privilegios. Nós annullámos a sentença do tribunal, e condemnámos o filho do çapateiro a não fazer çapatos por tempo de um anno.



UMA DAS PRENSAS DA CASA DA MOEDA EM LONDRES.

É IMPOSSIVEL que uma familia possa fazer por suas mãos quanto necessita para seu alimento, abrigo, habitação e conveniencia, necessita portanto do producto que sobra da industria alheia e de dar em troca o que sobra da propria industria. Se este cambio se fizesse só entre duas pessoas, far-se-hia a permutação com facilidade; mas como se poderia effectuar em um mercado?... Era pois necessario que os homens inventassem algum meio de circulação como regra do valor comparativo dos generos de commercio. Entre as nações primitivas o meio de circulação foram bois ou ovelhas; outras adoptaram pelles de castor que passavam de mão em mão para se fazerem as compras; os antigos mexicanos usavam de mantas para compras maiores e de bagos de cacáu para as menudencias; n'algumas partes d'Africa não ha outro meio circulante senão uma especie de conchinhas

chamadas *cauris*, e do mesmo se usa em partes do Indostão; as tribus indias da Virginia e do Yucatan serviam-se de rôlos de tabaco. Porem toda esta gente vivia mui rusticamente, como agora as tribus pampas acolhidas na Patagonia, e outros selvagens ambulantes. Os povos que tinham residencia fixa precisavam de commercio, e este não podia manter-se sem um meio de circulação de valor convencional; e para que ninguem disputasse esse valor, foi necessario adoptar uma especie que o tivesse intrinseco e não de circumstancias.

Todas as nações civilizadas tomaram o dinheiro como meio commum de cambio; mas para que elle tivesse o desejado effeito era forçoso que fosse fabricado d'uma substancia de certo valor real em si, para que todos estivessem promptos a recebê-lo em troca da sua propriedade, e que esse valor fôsse fa-

cil de averiguar. Na origem da civilização diferentes nações escolheram substancias diferentes que tinham, mais ou menos, as particularidades requeridas, até que, dilatando-se o commercio, todas convieram em usar dos metaes preciosos, pelas razões seguintes: 1.<sup>o</sup> Porque são pouco sujeitos a corromperem-se e gastarem-se com o uso: 2.<sup>o</sup> Por serem susceptíveis de miuda divisão: 3.<sup>o</sup> Pela facilidade com que se podem transportar: 4.<sup>o</sup> Porque se não póde augmentar-lhe a quantidade senão com trabalho proporcionado. — Alem destas assignam alguns economistas outras causas que não vem para aqui; porque o nosso intento é dar noticia da operação de cunhar o dinheiro; e para este fim descreveremos o maquinismo da casa da moeda em Londres, reputado pelo mais perfeito, e que foi inventado por Wat em 1797.

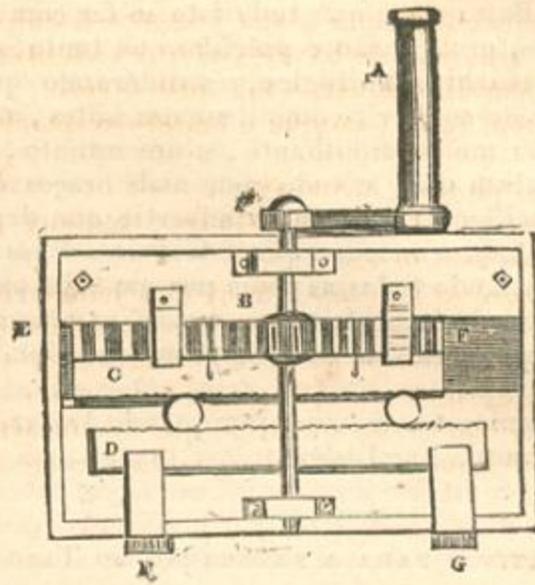
Depositadas as barras d'ouro e prata destinadas para fazer moeda na officina do ensaiador, onde se conservam debaixo de chave do administrador até se ter feito o ensaio de cada barra, toma-se logo conta da differença que resulta de quilates não sendo todas as barras d'igual pureza. Procede-se á fundição sob a inspecção do ensaiador e do escrivão principal do estabelecimento; pondo-se em cada crisol ou cadinho uma proporção do ouro mais fino, igual a outro segundo a lei estabelecida. O tempo que se gasta n'uma fundição de 80 a 100 libras de ouro é de ordinario uma hora. Quando o ouro chegou ao ponto conveniente de fusão, tira-se o cadinho do forno e formam-se duas barras, que são outra vez ensaiadas, e se as acham de lei dalli se destinam para o cunho.

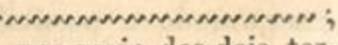
A fundição da prata em grandes quantidades tinha causado muitas difficuldades, porque o violento calor do forno oxydava a liga deixando o metal mais fino do que se requeria, porem pelo novo methodo adoptado em 1817 remediaram-se aquelles inconvenientes, e no mesmo anno quando se renovou toda a moeda da Graã-Bretanha, fundiu-se por alguns mezes a rasão de dez mil libras de prata por dia sem difficuldade alguma.

Levadas as barras a outro departamento faz-se a operação de estira-las em laminas entre dois cylindros d' aço polido. O ouro pela sua excessiva laminabilidade não necessita pôr-se candente para o estender com os cylindros, porem a prata requer ser escandecida até ficar rubra. Outro methodo se emprega depois e consiste em estirar as barras mediante moldes d' aço, adelgaçando-as, quasi como quem tira pela fieira. Quando as barras tem chegado á grossura requerida passam ás prensas do córte, as quaes são dôze postas em circulo, separadas uma da outra por um pilar de ferro; alli por meio do saca-bocados se cortam as laminas em pedaços redondos do tamanho necessario. As dôze prensas todas trabalham mediante uma roda adentada, posta em movimento por uma machina de vapôr; e é tal o artificio que basta um rapaz a cada uma para arrimar a lamina ao saca-bocados. Os pedaços se pesam logo; os que não tem o peso marcado se apartam para se refundirem, e os que tem de mais se limam.

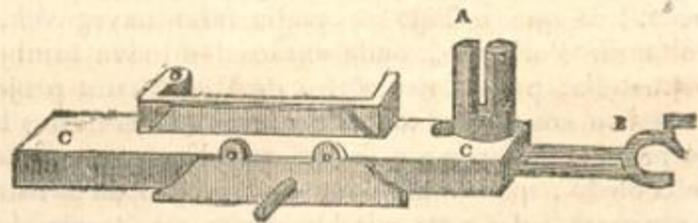
Como o metal endurece muito com as antecedentes operações, e não receberia boa impressão, é necessario escandecer todas as peças até as pôr na cor rubra e fervê-las depois em acido sulphurico muito diluido. Mas o que até aqui dissemos não é senão trabalho preparatorio; vejamos agora a operação de cunhar.

A primeira cousa que se faz é o filete ou sarrilha, servindo para isso a machina que representa esta gravura.



A machina está fixa sobre uma mesa ou banco, que terá uma vara d'altura, e o seu jogo é o seguinte: *D* é uma barra d' aço endurecido com um sulco profundado deste modo ; ajusta-se e firma-se esta barra por meio dos dois tornilhos *F* e *G* e mantém-se immovel em quanto a machina trabalha: *C* é outra barra d' aço igual, em que está gravado o mesmo filete que em *D*, porem tem dobrada largura, ametade denteada, e move-se d'um lado a outro por meio da roda *B*, cujos dentes cruzam ajustadamente com os da barra. Postas todas as peças que se hão-de sarrilhar sobre a mesa, e movida a machina á mão pela manivella *A*, um rapaz se occupa a pôr as peças de moeda uma por uma entre as duas barras, de modo que sarrilham-se duas peças constantemente ao mesmo tempo. Este methodo tem sido seguido no continente europeu e em Londres, porem ultimamente estabeleceram um processo para substituir-lhe um cordão ou anel igual á sarrilha que sahe conjunctamente com a impressão ou cunho da moeda.

A gravura collocada á frente deste artigo representa uma das oito prensas para cunhar, usadas na Casa da Moeda de Londres, movidas todas por agencia do vapôr. O machinismo é regulado de modo que cada prensa póde cunhar sessenta peças por minuto, e trabalhando todas a um tempo cunham ou pelo menos podem cunhar tresentas mil peças de moeda por dia, e sem mais operarios que um rapaz a cada prensa para prover de peças o cunho. Esta operação é tão simples que basta olhar para a estampa para se comprehender: só uma parte deste machinismo requer explicação, e é a que retira a moeda já estampada depois da pancada e põe outra peça instantaneamente no cunho.



Esta é a figura da peça separada da machina ou prensa, e a que os inglezes e hespanhoes dão um nome que corresponde á tremonha dos nossos moinhos, donde cahe o trigo na mó. Com effeito *A* é um receptaculo, semelhante á tremonha no resultado, tendo o rapaz o cuidado de o ter cheio de peças metallicas. *B* é uma prancha ou barra movediça, que por meio de rodas vai e vem constantemente extrahindo

a moeda cunhada, e pondo outra por estampar no cunho. Basta dizer que tudo isto se faz com aquella facilidade, promptidão e precisão que tanto se admiram no machinismo inglez, considerando que cada prensa póde cunhar, como dissemos antes, 60 pesos duros, ou moeda semelhante, n'um minuto, e 40 a 50 mil n'um dia, e tudo sem mais braços que um rapaz intelligente. Devemos advertir que depois de cunhada toda a moeda, que é trabalho d'um dia, se próva, passando todas as peças por um tubo para descobrir alguma imperfeita, e depois se pesam as de ouro ás quinze libras e as de prata ás trinta de cada vez.

Voltaremos a este assumpto quando tratar-mos da casa da moeda em Lisboa.

#### TENTATIVAS PARA A NAVEGAÇÃO DO TEJO (\*).

PELOS annos de 1580 propoz a Philippe 2.<sup>o</sup> d'Hespanha o celebre architecto hydraulico, João Baptista Antonelli, italiano de nação, o fazer navegaveis os rios Tejo, Guadalquivir, Ebro, Douro e outros, assegurando a possibilidade da empreza e os bens immensos que dahi proviriam. Mandou o monarcha que fizesse Antonelli a experiencia ou ensaio no Tejo, navegando as 24 leguas hespanholas que vão de Abrantes até Alcantara, para o que expediu decreto do 1.<sup>o</sup> d'Abril daquelle anno, dirigido ás justicas e mais auctoridades a fim de protegerem a dita navegação e proverem do que necessitasse o architecto Antonelli; e no mez seguinte renovou as mesmas ordens, de fórma que sob estes auspicios verificou o emprehendedor o reconhecimento do Tejo naquella extensão, como se colhe da exposição que fez ao rei em data de 20 de Maio de 1581. — Tendo-se sabido felizmente deste primeiro ensaio, e desejando levar por diante seu intento, Antonelli cursou novamente o Tejo em 1582 em uma chalupa com quatro remeiros portuguezes, com o fim de navegar de Alcantara a Toledo, o que conseguiu prosperamente, chegando aos 19 de Janeiro do dito anno a esta ultima cidade á *ribeira da veiga*; cousa que encheu d'assombro aos moradores que se afadigavam para ir ver aquella estranheza. A 22 collocou o barco n'uma carreta de quatro rodas passando-o assim atravez da veiga até a margem opposta para evitar as presas, e a isto assistiram, segundo o escriptor Garibay, o arcebispo de Toledo e o corregedor da mesma cidade.

Navegou o barco no mesmo dia á tarde, caminho d'Aranjuez, entrou no Jarama, e pelo canal se avizinhou a Madrid, d'aqui approximou-se ao Pardo, deu logo a volta tornando a passar por Toledo, e a tres de Março continuou a navegar rio abaixo até Lisboa, onde chegou a perfeito salvamento.

Verificado o reconhecimento, e informado Philippe 2.<sup>o</sup> de que o Tejo se podia fazer navegavel, ao voltar de Portugal, onde então dominava tambem, a Castella, propoz nas côrtes de Madrid um projecto para isso aos governadores do reino. Entre estes houve pareceres varios; e [cousa rara!] os procuradores de Toledo, que tinham mais obrigação de favorecer a empreza pelos notaveis beneficios que trazia á sua cidade, foram os primeiros que a contrariaram, e não só elles mas a maioria dos seus comittentes abominava o projecto e julgava-o mau e prejudicial; não obstante isso todos os mais membros das côrtes reconhecendo as vantagens da empreza offereceram cem mil ducados a Antonelli para com esta quantia remover os obstaculos e com varias traças pôr corrente

(\*) Vide sobre o Tejo o artigo inserto a pag. 161 do 3.<sup>o</sup> vol. deste Jornal.

a navegação do Tejo, o que se realisou e tanto que o rei em 1584 quiz desfructar o prazer desta viagem indo de Vacia-Madrid a Aranjuez em dois barcos chatos de 33 pés de comprido, mui bem construidos e enfeitados, que mandou fabricar Antonelli e nos quaes embarcaram o monarcha, os infantes e a comitiva real, concluindo-se a navegação prosperamente. Logo por ordem regia se fizeram em Toledo, em 1586, certo numero de barcas, adaptadas ao intento, e no anno seguinte se benzeram sete dellas na ribeira e sitio, chamada hoje *plazuela de las barcas*, ao que assistiu numeroso concurso. Tripuladas por conveniente numero de pessoas e carregadas de trigo, sendo commandante da expedição, Christovão de Roda, sobrinho d'Antonelli, desceram pelo Tejo até Lisboa gastando no transito quinze dias e sem o menor prejuizo. Repetiu-se com bom exito a mesma navegação em 1588 e 1589, conduzindo-se por agua á nossa capital quantidade de trigos e de outrós generos.

Por morte de Antonelli tratou o rei com André de Udias o que faltava na navegação do Tejo para as subsequentes expedições; e certos barqueiros de Abrantes se obrigaram a vir pelo rio desde a mesma villa até a cidade de Toledo em quarenta dias. Em 1592 fizeram-se regulamentos para esta navegação, isentaram-se de direitos as carregações, fixou-se o modo das guias e das formalidades da sahida &c.; e chegaram a ser tão correntes as viagens que os pannos, fabricados em Toledo e Talavera, e outros generos eram transportados por agua a Portugal, onde se vendiam com estimação, e as fazendas do norte, que por mar entravam em Lisboa, conduzidas Tejo acima achavam prompto consumo naquellas cidades e tambem em Madrid.

Nada consta das causas do abandono desta empreza, que se extinguiu no proximo reinado de Philippe 3.<sup>o</sup> d'Hespanha, ficando apenas em signal e memoria della *la plazuela de las barcas* na varzea de Toledo, porque alli era o caes ou embarcadouro para a navegação do Tejo. Por occasião da guerra da nossa independencia contra Philippe 4.<sup>o</sup> quiz este monarcha renovar a communicação pelo mesmo rio entre Toledo e Alcantara para o transporte de munições de guerra e boca até a fronteira: para isso em 1641 formaram uns soberbos planos os engenheiros Carduchi e Martelli, porem não se levaram a effeito. Igual sorte tiveram os preparativos que se fizeram no reinado de Carlos 2.<sup>o</sup> para o mesmo objecto e pelo mesmo risco; e o mesmo aconteceu ás diligencias e novos planos feitos em 1740, e á tentativa do ministerio de D. José de Carvajal, notando-se que nesta ultima se fez com grande dispendio um modelo de madeira e christal para o canal do Manzanares que se havia de unir ao Tejo e continuar-se a navegação para Lisboa.

Em nossos dias, anno de 1828, reproduziu-se a mesma idéa, e para a levar a cabo o architecto *Marco-Artu* a quem se incumbiu esta commissão, depois de ter á vista os anteriores planos, construiu um barco a que pôz nome de Antonelli, em memoria do famoso hydraulico, de quem acima fallámos; e fez uma viagem de reconhecimento de Aranjuez a Lisboa, passando por Toledo a 10 d'Abril de 1829 e depois de puchar o barco por terra para salvar as presas, tornando-o a deitar á agua proseguiu seu caminho a 13 do dito mez. Em 25 d'Outubro do mesmo anno o citado Marco-Artu tornou a fazer o segundo reconhecimento rio acima em outro novo barco, chamado *Tejo*, que se construiu aqui em Lisboa. Desta viagem se imprimiu em Madrid com muito luxo typographico o roteiro e relação, que acom-

panhavam grandes estampas do curso e direcção do rio. Porem apesar de todas estas diligencias e despesas tudo tem ficado até agora em projectos e ensaios por causas que ignorámos; sendo ao mesmo tempo inquestionaveis os bens e vantagens que, para a agricultura e commercio do nosso e do visinho reino, resultariam da navegação geral e desimpedida do rio Tejo.

## CASOS NOTAVEIS SUCCEDIDOS EM TANGERE.

A SEIS de Março de 1503 appareceu sobre a praça de Tangere elrei de Fez com 12.000 cavallos, e infantaria em muito maior numero. Persuadiu-se que lograva a empreza pelo segredo e velocidade com que a dispoz; mas já na praça havia aviso com anticipação bastante para estarem prevenidos os defensores, e tiveram esta noticia por modo extraordinario. Ao entrar da noite anterior a este dia soube D. João de Menezes, governador d'Arzilla, por espias que trazia no campo os intentos daquelle rei. Desejou avisar a D. Rodrigo de Monsanto, que governava Tangere; mas era impraticavel a execução do seu desejo, porque uma praça distava da outra sete leguas, e alem da distancia era a jornada impossivel por terra, estando como estavam os caminhos tomados pelas partidas do exercito inimigo, e por mar não havia embarcação prompta. Neste aperto occorreu a D. João um meio verdadeiramente singular. Ficára dentro de Arzilla uma cadella de um morador de Tangere; fez-lhe pôr no pescoço uma carta com a noticia do que passava, e ordenou que a levassem á praia e fustigassem rijamente oom açoutes. A dor destes, e o instincto natural de buscar o seu dono, a fez caminhar de maneira que antes de ser manhã já estava ás portas de Tangere. Com esta bem lograda industria se poz a terra em armas, e formado um esquadrão, mais luzido que numeroso, sahiram ao campo a esperar os inimigos quando estes cuidavam que os nossos dormiam nos braços do descuido. Travou-se um asperrimo combate, soffrendo os portuguezes por espaço de duas horas e meia o peso de tanta multidão, aonde se obraram acções que deixam muda toda a eloquencia. Perdemos oito cavalleiros, e entre elles um filho de D. Rodrigo, e Balthasar Lourenço, homem de insigne valor; foram feridos muitos, e exausto já quanto cabe na esphera das forças humanas em tão excessiva desigualdade de combatentes, vieram os portuguezes recolhendo-se sempre em boa ordem, e com a cara aos mouros, e custou muito, para a furia com que estes pugnaram por entrarem de volta com os nossos: foram porem detidos e rebatidos nas pontas das lanças de alguns illustres cavalleiros. Aqui succedeu que Ruy Martins, soldado de conhecido valor, sendo o ultimo no entrar da porta a deixou meia aberta, e instando-lhe os companheiros que a fechasse de tudo, respondeu com arrogancia militar: — *Que não convinha aquella medrosa prevenção ao brio portuguez: que elle defenderia a toda a mourama o que faltava por fechar.* Disse, e mostrou que não era menos resolutos nas obras que nas palavras, porque intentando a entrada alguns mouros mais destemidos os repelliu de maneira ás lançadas, que tomaram por bom partido o retirarem-se. — (*Anno Historico.*)

## O FAMOSO PERO GALLEGO.

REINANDO em Portugal D. João 3.<sup>o</sup> pelos annos de 1546 vivia na famosa villa de Vianna do Minho um mancebo nobre e de grandes brios chamado Pero

Gallego. Acudiam outros da mesma villa a sua casa a tomar lições de espada e outros exercicios que servem ao valor, de que Pero Gallego era grande mestre; e parecendo-lhe que nelles tinha já discipulos capazes de qualquer empreza, lhes disse: — *Que era tempo de se resolverem a sahir daquelle canto, aonde passavam a vida ociosamente. Que o mundo era largo, elles moços e destemidos, e que destes se namorava a fortuna, se a sabiam buscar. Que não lhe era difficiloso comprarem uma embarcação e discorrerem com ella pelas costas de Hespanha, aonde poderiam achar muitas occasiões de honra e de proveito.* Bastaram estas palavras para convirem todos na proposta, e concorrendo cada um com o que pôde ajuntar compraram uma caravella que guarneceram com quatro peças de ferro, e munidos de armas e munhões, sem darem noticia a pais nem a parentes, sahiram uma madrugada ao mar largo; eram trinta alem dos marinheiros. Engolfados os novos argonautas não tardou muito que se não encontrassem com um navio de mouros [a estes principalmente buscavam] e travaram com elles uma brava contenda. Aproximaram-se uns e outros, e os portuguezes com a espada na mão, obrando maravilhosas proezas, entraram o navio; e finalmente o renderam com morte de treze inimigos, sendo os outros postos a grilhões. Os vencedores, tendo repartido os prisioneiros pelas duas embarcações, fizeram-se na volta do Algarve. No porto de Sagres venderam a caravella e forneceram o navio das cousas necessarias, e alli se juntaram quinze mancebos daquelle terra que estimulados do brio dos viannenses os quizeram seguir. Sahiram ao mar outra vez, e embocando o estreito navegaram a Levante, e em varias paragens daquelle clima tiveram muitos encontros com mouros e turcos dos quaes sempre sahiram vencedores, tomando grandes prezas, no que gastaram tres annos. Voltavam já para a patria quando uma tempestade os fez arribar a Cadiz. Achava-se naquelle porto a armada real de Castella, de que era general o famoso Pedro Navarro. Não abateram os portuguezes a bandeira, ou fosse excesso de presumpção, ou [o que é mais certo] falta de noticias do estylo militar. Começaram a correr os recados de parte a parte, insistindo o general castelhano em que se abatesse a bandeira, e o capitão portuguez em que a não havia abater. Vieram ás armas, e o mesmo Pedro Navarro sabiu na galé capitania, mais a castigar do que a vencer aquelles poucos homens tidos já e havidos por loucos; mas Pero Gallego lhe assestou uma tal carga de artilheria que lhe encheu a galé de mortos e feridos, entrando nestes o mesmo Pedro Navarro, que recebeu uma ferida grave. Com que á vista desta chamada loucura portugueza se voltaram mui sisudos os castelhanos, e Pero Gallego e seus companheiros largando todas as vellas ao vento e dando repetidas cargas, se fizeram na volta de Vianna aonde foram lograr na posse de muitas riquezas que haviam adquirido os fructos dos seus trabalhos. Por parte de Castella se fez queixa a Portugal da insolente resolução de Pero Gallego, mas elrei dando apparencias de o castigar na realidade lhe fez mercês. No restante da sua vida foi Pero Gallego muito estimado dos seus viannenses, e não menos das principaes pessoas de todo o reino, que de diversas partes delle iam a Vianna só a verem um homem que deu em toda a Hespanha um tão grande brado. — (*Idem*).

## AGUARDENTE DE BAGAS DE SABUGUEIRO.

PODEM utilizar-se as bagas assucaradas que dá o sa-

bugueiro, e que só os passaros aproveitam, para fabricar soffrivel aguardente ou bom *espírito* analogo ao de vinho. Colhem-se as bagas bem maduras, e pisam-se em cubas como a uva; a fermentação desenvolve-se com mais ou menos rapidez conforme a temperatura; pisam-se no fim d'alguns dias, e obtém-se deste modo uma grande porção de liquido avermelhado, que perde um tanto a côr com a fermentação. Logo se percebe o alcool, e afóra um sabor particular dos cachos do sabugueiro o çumo adquire um gosto vinhoso, distincto e agradável. Quando começa a clarificar-se e a deixar de ser dôce, o que se conhece facilmente, podem tapar-se com cuidado as cubas [se houverem muitas], e dahi proceder-se á distillação, como se faz ao pé ou bagaço das uvas. O fundo do alambique deve ser munido d'uma grade ou fôrro de vime para que a aguardente não saiba a fumo. Sete alqueires de bagas dão pouco mais ou menos tres canadas e meia d'aguardente de 18 graus.

#### A FONTE DE SANTA-ALIRA.

ESTE manancial d'aguas ferreas que corre n'um dos arrabaldes de Clermont-Ferrand, em França, poderia na transparencia rivalisar com o mais puro cristal: e todavia essas aguas contem uma quantidade consideravel de carbonato de cal. Os moradores daquella vizinhança as encaminham por canos para umas pequenas choupanas, onde as fazem cahir como chuva miuda em cima de ninhos de passaros, de ramilhetes de flôres, de cachos d'uvas, de ramos de vegetaes, ou d'animaes empalhados de diversas especies e tamanhos. A agua borrifando assim por igual todos estes objectos os cobre com um sedimento calcareo tão fino que a capa lhes não altera as fórmas. Os curiosos, a quem se mostram estas diferentes cousas assim disfarçadas, pensam que estão vendo ninhos, flôres, fructos, animaes petrificados.

A fonte de Santa-Alira vai dar a um regato atravessado por uma ponte natural, que formaram os sedimentos das aguas da mesma nascente. Estes sedimentos depositaram-se a principio em cima de plantas, que tapando o curso ao rio o obrigaram a repartir-se; e com o tempo veio a fazer-se uma especie de calçada irregular, por baixo da qual corre o ribeiro. Agora vai-se formando pouco acima da primeira uma segunda ponte da mesma casta, a qual augmenta por anno quatro pollegadas, pelo que tendo a outra ponte actualmente acabada 230 pés de comprido, calcula-se que foram necessarios perto de sete seculos para que o sedimento das aguas a construisse.

Finalmente, não é só a fonte de Santa-Alira que appresenta este phenomeno: ha outras em varias partes e da-se-lhes o nome de mananciaes d'aguas *incrustantes*. As mais conhecidas por esta propriedade são uma fonte cálida ao pé de Tours, tambem em França, a de S. Philippe na Toscana, as de Carlsbad, e ultimamente as de Guancavelica na America.

#### NOTA SOBRE AS VELAS DE STEARINA.

TENDO observado que o breve artigo inserto em o n.º 161 deste jornal fizera tal impressão em muitas pessoas que absolutamente recusaram servir-se de todas e quaesquer velas de stearina, sem tomarem o pequeno trabalho de as verificar pelo modo simples que no mesmo se inculca, declaramos para socego e desengano dessas pessoas nimiamente timoratas que o Conselho da Saude publica destes reinos mandou

proceder a exame nas velas que se manufacturam na fabrica da Rua do Loureiro nesta cidade e achou que os materiaes de que são compostas nada teem que nocivo seja: o que se fez publico pelo Diario do Governo. A stearina [dizem os auctores da recentissima Encyclopedia ingleza] é a parte gordurenta do cebo separada da oleosa. Para este processo e para dar consistencia e duração ás velas não é preciso empregar substancias nocivas: ha methodos que dão proveitosos resultados e são perfeitamente innocentes na pratica. Aquelle nosso anterior aviso foi uma precaução contra as velas adulteradas, que por estarem proscriptas e reconhecidas nos paizes estrangeiros, onde primeiro se usou da stearina, poderiam fortuitamente ser introduzidas neste reino; e como o meio de distinguir as boas das ruins era tão facil convinha publica-lo. Demais se a malicia quizer servir-se das velas para instrumento mortifero, não é a stearina exclusivamente propria para esse intento, igualmente o são todas as substancias de que ellas se fabricam: eram de cera as que foram mandadas ao imperador José 2.º para o envenenarem. Podem portanto os nossos leitores usar sem susto das velas de stearina, que se fabricam actualmente em Lisboa, porque, alem do exame de muitas pessoas particulares, teem em seu abono a decisão do tribunal competente. Seria para nós grande desgosto o termos sido causa involuntaria de tolher ou por alguma fórma prejudicar um estabelecimento industrial, nascente entre nós, e que vai prosperando e ganhando credito; por isso fazemos esta franca declaração.

QUANDO elrei D. Sebastião intentou a jornada da Africa, determinou avistar-se em N. Sr.ª de Guadalupe com elrei Philippe, seu tio, e para se ajustar esta função veio de Castella o duque d'Alva, cavalheiro mui soberbo e pouco affeiçãoado aos portuguezes, e de cá foi para o mesmo fim o conde de Redondo. Na pratica que tiveram perguntou-lhe o duque que fidalgos vinham com elrei D. Sebastião, porque com o de Hespanha vinha elle duque e outros como elle. Respondeu-lhe o conde: — *Com elrei meu amo vem o duque de Bragança, o de Aveiro e o marquez de Villa-Real; e fidalgos razos como eu e vós vem muitos.*

PERSUADIDO Affonso, rei de Aragão, no principio do seu reinado, por certo aulico a que, visto ter tão poucos annos, escolhesse sete varões doutos, virtuosos e desinteressados, com quem se aconselhasse, porque só assim poderia governar com acerto, respondeu: — *«Dai-me, não digo sete, mas um só homem desses, e eu lhe largarei logo as redeas do governo.*

DIZIA D. Francisco de Portugal: quanto mais souberes, mais te escandalizará a malicia e menos a ignorancia.

 *Annuncia-se aos S. res Subscriptores, que actualmente se tomam as assignaturas para este Jornal só por qualquer dos tres seguintes periodos: 1.º Por todo o anno corrente de 1840: 2.º Pelo 2.º semestre deste mesmo anno: 3.º Por 18 mezes incluindo este mesmo semestre e o anno de 1841: a fim de que fiquem as epochas de todas as assignaturas (muitas das quaes estão desencontradas) em harmonia com o anno civil.*